

## OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA DOCUMENTAL

Paulo Martins

A importância dos documentários como fonte de conhecimento histórico tem sido cada vez mais destacada por inúmeros autores, em especial Marc Ferro. Logo no início do cinema, com os irmãos Lumière, podemos observar como os seus filmes registaram para a posteridade momentos da vida, como a saída dos operários de uma fábrica, ou a coroação de Nicolau II, permitindo-nos aceder ao conhecimento de uma realidade que para sempre ficaria imortalizada nessas imagens. O processo parecia simples: uma câmara fixa captava as imagens daquilo que decorria à sua frente. Assim, estes filmes tornam-se fontes primárias do conhecimento histórico, pois podemos analisar aquilo que elas dão a ver. Mas, para além disso, essas imagens são também fontes secundárias, visto permitirem uma análise mais detalhada da maneira como captaram a realidade, o que pretendiam mostrar e o modo como nos levam a essa mesma realidade.

Nessa época dos primórdios do cinema, a possibilidade de se poderem visionar imagens em movimento gerava um impacto tão forte, que só o captar aquilo que acontecia à frente da câmara era já uma inovação suficientemente interessante e arrebatadora. Vários pioneiros do cinema dedicaram a sua arte a isso mesmo: captar o real!

O filme *Nanook* foi um dos primeiros a ser realizado com o objectivo de dar a conhecer uma realidade concreta: a vida dos esquimós. Por isso, é importante analisar os pequenos detalhes que estiveram na sua origem para compreendermos melhor esta obra que influenciou gerações de cineastas e abriu um vasto horizonte ao cinema no campo do documentário.

O realizador do filme foi Robert Flaherty (1884-1951), nascido no Canadá e filho de um engenheiro de minas. Muitas vezes acompanhou o pai nas suas viagens pelos territórios gelados, conhecendo assim as populações que aí viviam.

Em 1910, com 26 anos, viajou de comboio por novos territórios ao serviço dos caminhos-de-ferro. O seu chefe e responsável pela empresa aconselhou-o a levar uma câmara e a registar o que visse, em especial os esquimós e o seu modo

de vida. Entre 1914-15 filmou muitíssimo material durante as expedições de comboio que teve de realizar. Mostrou essas imagens já montadas, numa versão ainda incipiente, ao Director do Museu de Arqueologia de Ontário, que ficou entusiasmadíssimo. Este homem intuiu imediatamente o valor do cinema documentário.

Em 1916, Robert Flaherty deixou cair, inadvertidamente, um cigarro na sala de montagem. Deflagrou um incêndio. Para além dele próprio se ter queimado com alguma gravidade, arderam 9 kms de película. Perdeu assim o filme, exibido ao Director do Museu, cuja versão, por sinal, ele não apreciava muito. Faltava uma narrativa, um fio condutor para as imagens, que se sucediam por vezes umas às outras sem ligações evidentes.

Decidiu então filmar apenas uma família de esquimós em concreto e, a partir do seu dia-a-dia, ilustrar o modo de viver dos esquimós. Elaborou o seu projecto e começou à procura de financiamento. Não foi uma tarefa fácil. A I Guerra Mundial consumira demasiados recursos para que alguém arriscasse investir num negócio de resultados incertos e “queimar” dinheiro dessa forma. E o tempo ia passando...

Em 1920, uma empresa de couro, peles e cabedal deu-lhe, por fim, os milhares de dólares de que precisava. Foi então falar com um esquimó que conhecera. Esse homem, que se chamava Nanook, aceitou, encantado, a proposta de Flaherty viver com a sua família durante um ano. Com o tempo, os esquimós habituaram-se à presença da câmara que registava a espontaneidade do seu dia-a-dia, mas também aprenderam a representar aspectos que Flaherty não queria deixar de captar. Por um lado, procurava espontaneidade, mas, por outro lado, pretendia filmar momentos essenciais da vida deles, pelo que pedia que repetissem algumas acções várias vezes até ficar com o registo do que faziam captado em diferentes ângulos. No entanto, o espectador, ao ver tais momentos, pode ser levado a pensar que a acção foi filmada “por acaso”. Por exemplo, as cenas no interior do iglo tiveram de ser fabricadas: fez-se um iglo muito maior do que era na realidade para a câmara poder lá caber dentro, e uma das paredes teve mesmo de ser demolida para que a luz pudesse entrar. Na prática, a família ficava sujeita à intempérie durante o tempo da rodagem, mas isso não era visível aos olhos do espectador.

A gramática visual foi usada com extremo cuidado: as panorâmicas revelavam o espaço e conduziam-nos para a acção. Flaherty não exhibia logo o que se pretendia ver. Ia espicaçando a nossa curiosidade até à conclusão da cena, como acontece, por exemplo, na caçada.

Um aspecto interessante é que Robert Flaherty quis mostrar a vida, o quotidiano. Não queria mostrar conflitos. Não explicou os problemas do chefe da tribo com alguns esquimós. Não tentou aproveitar o seu filme para denunciar possíveis situações de injustiça. Quis ser um mero observador através da criação de um herói, de um personagem com o qual as pessoas se pudessem identificar e cuja história pudessem seguir.

Quando o filme estava pronto surgiram os problemas com a distribuição. A Paramount recusou exibi-lo, afirmando que não teria audiências. O empresário de cinema Fox também não aceitou o produto, explicando que um documentário não interessava à maioria das pessoas. Finalmente, uma produtora ligada ao grupo francês Pathé aceitou explorar comercialmente o filme, colocando-o em exibição numa sala recente, chamada “Capitol”, na cidade de Nova York. O público aderiu em massa. O êxito foi tremendo. Consideravam-no mais interessante do que o puro entretenimento. Entretanto, o esquimó Nanook morria nessa altura, o que fez aumentar ainda mais a actualidade do filme. As pessoas comentavam-no, e a vida dos esquimós ganhou uma projecção que nunca tivera até aí.

Em conclusão, apesar de ser uma obra pioneira no domínio do documentário, já se podem identificar duas características inerentes a este formato cinematográfico: por um lado, a questão do financiamento; por outro, a procura da objectividade.

A questão do financiamento: se a empresa de peles tivesse imposto uma determinada abordagem, ou limitado, sob qualquer aspecto, a criatividade do realizador, o filme existiria? Por outras palavras: o realizador é livre de filmar o que quer, ou fica preso aos financiadores?

A procura da objectividade: o realizador queria ser um mero espectador, mas há que reconhecer que ele parte sempre de um ponto de vista. Tem um objectivo em mente, nem que seja o de revelar determinada realidade. Ao adoptar um

determinado ângulo, já está a seleccionar. A representação da realidade nunca é neutral. Há um objectivo para quem faz cinema e documentário. Por isso, vale a pena analisar, estudar e procurar conhecer o mais possível de determinada obra, para assim conseguirmos captar mais profundamente o seu significado ou os seus diferentes níveis de significação. *Nanook* é um bom exemplo disso. •